

TRABALHOS DE PESQUISA

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO: UM ESTUDO COM PROFESSORES

Carla Leitão da Silva¹, Carolina Agostinho de Jesus², Jaiane Maria Silva³, Mônica da Costa Vidal⁴, Renata Fernandes de Matos⁵Aline Gabriella Trotta Provasi⁶

SEX EDUCATION IN THE CONTEXT OF REMOTE TEACHING: A STUDY WITH TEACHERS

LA EDUCACIÓN SEXUAL EN EL CONTEXTO DE LA ENSEÑANZA REMOTA: UN ESTUDIO CON MAESTROS

Resumo: A educação sexual é trabalhada por muitos professores apenas pelo viés biológico; assim, faz-se necessária a investigação de como essa transcorreu no período do ensino remoto. Além disso, a temática é permeada por princípios conservadores e controladores adotadas por muitas instituições de ensino. Nessa perspectiva, o objetivo da presente pesquisa foi identificar como a educação sexual foi trabalhada durante o ensino remoto, bem como a concepção dos professores sobre o assunto. Para isso, participaram da pesquisa 22 professores ativos da Educação Básica com atuação em diferentes disciplinas. A pesquisa de campo aconteceu por meio de um questionário anônimo adaptado, sendo divulgado por meio do Google Forms em diversas redes sociais. Diante dos resultados obtidos, foi possível identificar que a educação sexual foi trabalhada principalmente pela visão biológica-higienista, mesmo os professores reconhecendo o interesse dos alunos para a inclusão de discussões que envolvam o gênero, por exemplo. Assim sendo, conclui-se que o ensino da educação sexual mesmo no período do ensino remoto ainda seguiu embasada no silenciamento, principalmente quando envolve questões de gênero.

Palavras-chave: sexualidade; educação; ensino básico.

Abstract: Sex education is worked on by many teachers only from a biological point of view, so it is necessary to investigate how this was done in the period of remote teaching. In addition, the theme is permeated conservative and controlling principles adopted by many educational institutions. From this perspective, the objective of the present research was to identify how sex education was worked on during remote teaching, as well as the teachers' conception of the subject. To this end, twenty-two elementary school teachers working in different subjects participated in the research. The field research took place by means of an anonymous, adapted questionnaire, which was disseminated via Google Forms in several social networks. In view of the results obtained, it was possible to identify that sex education was worked mainly by the biological-hygienist vision, even though the teachers recognize the students' interest for the inclusion of discussions involving gender, for example. Therefore, we conclude that the teaching of sex education even in the period of remote teaching is still based on silencing, especially when it involves gender issues.

Keywords: Sexuality; Education; Elementary School.

Resumen: La educación sexual es trabajada por muchos maestros solo por el sesgo biológico, por lo que es necesario investigar cómo esto transcurrió en el período de la enseñanza remota. Además, el tema está impregnado de principios



¹Mestranda em Educação, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, Brasil. carlaleitaobio@gmail.com

²Mestranda em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Brasil. adm.carolina.agostinho@gmail.com

³Mestranda em Biodiversidade, Universidade Federal da Paraíba, Areia, Brasil. jaiane.maria.silva07@aluno.ifce.edu.br

⁴Licenciada em Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Ceará, Iguatu, Brasil. monica.costta26@gmail.com

⁵Doutora em Agronomia/Fitotecnia e Professora Substituta da Faculdade de Educação Ciências e Letras de Iguatu, Universidade Estadual do Ceará, Iguatu, Brasil. renata.matos@uece.br

⁶Licenciada em Ciências Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, Brasil. agtp54@gmail.com

conservadores y controladores adoptados por muchas instituciones educativas. Desde esta perspectiva, el objetivo de la presente investigación fue identificar cómo fue trabajada la educación sexual durante la enseñanza remota, así como la concepción de los maestros sobre el tema. Para ello, participaron en la investigación veintidós maestros que trabajan en la Educación Básica y que imparten diferentes asignaturas. La investigación de campo se llevó a cabo mediante un cuestionario anónimo adaptado, que se difundió a través de Google Forms en varias redes sociales. Ante los resultados obtenidos, se pudo identificar que la educación sexual fue trabajada principalmente por la visión biológico-higienista, incluso los maestros reconociendo el interés de los alumnos por la inclusión de discusiones que involucren el género, por ejemplo. Por lo tanto, se concluye que la enseñanza de la educación sexual, incluso en el período de la enseñanza remota, aún siguió basada en el silenciamiento, principalmente cuando involucra cuestiones de género.

Palabras clave: Sexualidad; Educación; Enseñanza básica.

Introdução

A Covid-19, doença ocasionada pelo Coronavírus, foi descoberta primeiramente na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019. De acordo com uma reportagem feita pela BBC News Brasil, o primeiro caso oficial foi registrado no país em 26 de fevereiro de 2020 (BIERNATH, 2021). Por ser uma doença de disseminação rápida entre humanos, se espalhou em pouco tempo. Diante disso, houve a necessidade do distanciamento social físico, termo este sugerido por Martins e Almeida (2020).

O problema apontado por esses e diferentes autores é que essa situação atípica revelou uma característica ainda muito presente na educação brasileira: o ensino bancário tão criticado por Paulo Freire. Assim, Martins e Almeida (2020, p. 5), destacam uma “[...] demanda primordial nessas propostas remotas e o foco no conteúdo a ser transmitido [...]. Esse fato nos oferece pistas importantes sobre mudanças necessárias na educação brasileira”.

No contexto da educação sexual, tanto no ensino presencial como no remoto, acaba sendo tratada disciplinarmente apenas no conteúdo de Ciências e Biologia, fazendo uso de uma perspectiva exclusivamente biológica (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019). Ao estudar a temática da educação sexual no currículo, Barbosa, Viçosa e Folmer (2019, p. 1) chegaram à conclusão de que “nos últimos documentos houve um mecanismo de interdição e silenciamento para controlar e regular a temática sexualidade na escola, refutando o direito à informação”.

A educação como um todo é de extrema importância para o desenvolvimento do ser humano, desde a infância até a vida adulta, e a educação sexual pode ser considerada como base primordial para esse desenvolvimento. Maia e Ribeiro (2011) relatam que a sexualidade se expressa no ser humano de forma subjetiva, e com o passar do tempo, começa a envolver aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Contudo, a educação sexual ainda é ensinada com embasamento em princípios conservadores, o que reflete diretamente no comportamento dos jovens (RIBEIRO; REIS, 2007).

Logo, a escola é uma das principais instituições responsáveis por ensinar regras de convivência em sociedade, dessa forma, não deve ser isenta de refletir sobre as vivências cotidianas dos educandos, em especial no período da adolescência. Mesmo assim, em se tratando da educação sexual, o seu ensino na maioria das vezes ainda é pautado no “controle das pessoas e seus corpos, justificando suas ações com preceitos morais” (GAVA; VILLELA, 2016, p. 169).

Os métodos de controle dos corpos foram amplamente discutidos nos trabalhos desenvolvidos por Michel Foucault, os quais podem ser utilizados também nos debates sobre os chamados dispositivos da sexualidade, e a compreensão de “como eles foram desenvolvidos e aplicados aos corpos ao longo do tempo, transformando-os em corpos dóceis aos regimes de poder” (OLIVEIRA, 2020, p. 91).

Louro (2000) ressalta que o corpo não é objeto de estudo na formação dos professores, exceto em disciplinas como Educação Física, sendo que nas demais áreas ele é visto como separado da mente. Não obstante, ao longo do tempo o corpo tem sido amplamente estudado pela educação, pois estão “preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres” (LOURO, 2000, p. 60).

A escola como espaço social também é um local onde circulam esses discursos hegemônicos quanto às questões ligadas à sexualidade como a lógica do binarismo dos corpos: homem-mulher, onde tudo que se afasta do modelo é considerado anormal e são reprimidas; as práticas “anormais”, como a homossexualidade, são colocadas à margem na escola (CARDOSO, 2018, p. 328).

Nessa perspectiva, outros aspectos podem dificultar o ensino da educação sexual. Em uma pesquisa realizada por Barbosa e Folmer (2019), foi identificado que os professores consideram o receio com os pais, os tabus e a falta de materiais didáticos, como os maiores obstáculos no ensino da educação sexual. Outra característica que pode ser observada é que os pais não participam em sua maioria na educação sexual dos filhos, sendo que os filhos costumam recorrer aos educadores ou colegas (ZOCCA et al., 2015).

Nessa perspectiva, a informação é um dos pontos mais importantes quando se comenta sobre educação sexual e os responsáveis por fazer parte dessa troca com os jovens são os educadores. Desse modo, a escola tem um papel essencial nessa formação. Para que isso aconteça de forma efetiva, o quadro pedagógico precisa estar apto a educar os estudantes em uma fase de descobertas sobre a própria sexualidade (VITIELLO, 1995).

Em contrapartida, pela rapidez ao qual os jovens têm acesso à informação, a probabilidade é alta de que eles busquem esse conhecimento em fontes não confiáveis. Por vezes a escola não oferece subsídios suficientes para que esses estudantes sanem todas as suas dúvidas e receios diante de aspectos ligados a sexualidade e muitos também não conseguem esse diálogo de forma satisfatória com os pais, já que uma parte significativa evita tocar nessa temática, principalmente com as mulheres, com medo de que isso as esteja “incentivando a fazer sexo” (FERREIRA; SILVA, 2020).

A partir dessa perspectiva, infere-se a amplitude da negligência deliberada com a educação sexual, em especial na pandemia. Assim, é pertinente salientar a importância desse tema em diversas áreas particulares, como saúde, sociabilidade e afetividade referentes a formação subjetiva dos sujeitos. Ademais, como é problemático que não seja trabalhada pela escola no ensino básico, uma vez que a falta de desenvolvimento no ensino da sexualidade pode acarretar problemas de saúde, na responsabilidade individual e no desenvolvimento de uma visão pluralista e ética (VIANA; TUMA, 2016).

Materiais e métodos

Essa pesquisa tem abordagem qualitativa. Segundo Fraser e Gondim (2004), esse tipo de investigação busca compreender o conhecimento dos participantes do estudo sobre um determinado tema proposto, ou seja, é buscado “[...] entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as opiniões e as visões de mundo. Em outras palavras é dar voz ao outro e compreender de que perspectiva ele fala” (FRASER; GONDIM, 2004, p. 8).

Também se caracteriza como uma pesquisa exploratória, porque intenciona “proporcionar maior familiaridade com a questão do problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 1987, p. 41); da mesma forma que se configura como descritiva, pois tem o objetivo de descrever um determinado fenômeno, descrevendo as respostas dos pesquisados (GIL, 1987).

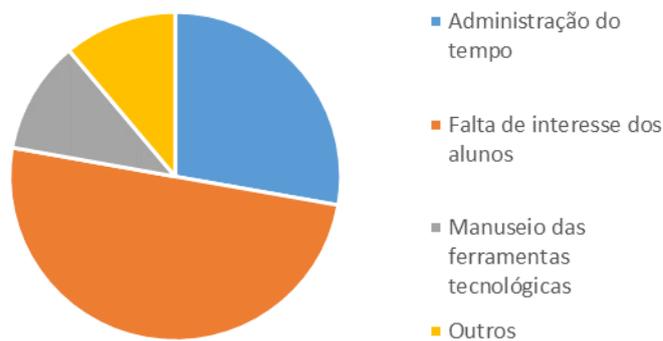
Os participantes da pesquisa foram 22 professores da educação básica, os quais lecionaram diferentes disciplinas no ano de 2021. A pesquisa de campo se deu via questionário anônimo adaptado (MARTIN, 2010), composto por sete questões subjetivas e três questões objetivas, sendo aplicado através da ferramenta Google Forms e compartilhado em redes sociais, como o Facebook e Whatsapp.

A análise foi realizada a partir da categorização das respostas. De acordo com Henkel (2017) nesse tipo de metodologia as respostas dos participantes da pesquisa são organizadas e agrupadas para uma melhor análise dos resultados obtidos, ou seja, “como procedimento teórico-metodológico na análise das respostas em perguntas [...] e na categorização, aplicam-se, em geral, a análise de conteúdo e análise semântica” (HENKEL, 2017, p. 787).

Resultados e discussões

O primeiro questionamento feito aos participantes da pesquisa foi sobre quais os maiores desafios da educação no decorrer do ensino remoto. Os resultados obtidos (figura 1) mostram que a maioria apontou a falta de interesse dos alunos, a dificuldade em administrar o tempo e o manuseio das ferramentas tecnológicas como os maiores desafios frente a esse cenário.

Figura 1 – Maiores desafios do ensino remoto



Fonte: as autoras (2022).

Uma pesquisa feita por Silva et al. (2020) constatou que mais da metade dos professores entrevistados não haviam passado por nenhuma formação para ministrar as aulas diante das possibilidades do ensino remoto. Diante da pandemia, tanto professores como alunos tiveram que se adaptar, pois encontraram diversas dificuldades como: alunos sem acesso à internet, baixo rendimento na aprendizagem e desistência e falta de interesse por parte dos alunos (NICOLAV, 2020).

Segundo uma parte significativa dos participantes, o conteúdo de educação sexual não foi abordado no cenário do ensino remoto. Alguns dos professores relataram que esse conteúdo deveria ser trabalhado juntamente com o conteúdo de “reprodução”. Para outros, o assunto foi evitado para “dar espaço” aos mais relevantes. Os poucos que responderam ter abordado essa temática, os faziam principalmente por intermédio de discussões com a turma e tarefas de casa.

Por meio desses resultados é possível observar que o ensino da educação sexual foi, de uma forma geral, deixado de lado durante o ensino remoto, sendo trabalhado apenas por uma parcela pequena dos docentes, os quais relacionam o ensino da sexualidade apenas aos processos biológicos, ou seja, apenas nas aulas de Ciências e/ou Biologia. Sobre esse contexto, Souza (2018, p. 56) destaca que:

[...] a dimensão biológica de sexualidade, frequentemente reduzida aos aspectos reprodutivos (anatomia e fisiologia dos sistemas genitais masculino e feminino, gravidez precoce) e higienistas (prevenção das IST), ainda costuma ser adotada em grande parte dos cursos de formação docente inicial, sobretudo na licenciatura em Biologia, que em geral (re)produz os saberes médicos para discutir a Educação Sexual na escola. Tal abordagem reducionista tem, então, contribuído para a manutenção de um discurso de medo e doença, desconsiderando a abrangência da sexualidade e outras dimensões que atravessam a Educação Sexual, como gênero.

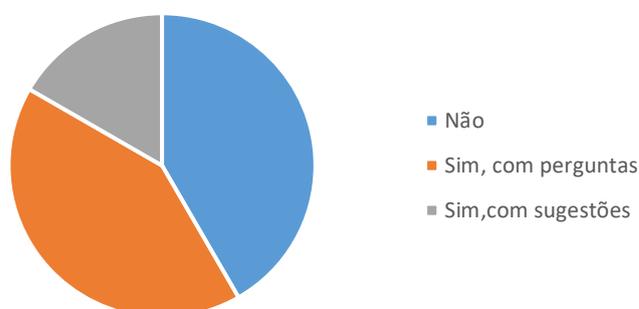
Esses resultados corroboram com Val et al. (2019), os quais afirmam que a temática tende a ser tratada na educação básica de forma fragmentada, priorizando a matriz biológica dos corpos e sem articulação com outros campos do saber, já que no currículo essas contemplam apenas as disciplinas de Ciências e Biologia, assim reforçando os preconceitos já existentes, crença em entidades dicotômicas, naturalizadas e predefinidas.

A indagação seguinte foi sobre o nível de importância que os professores dão ao ensino da educação sexual na escola, onde a maioria atribuiu a escala máxima de relevância disponibilizada na questão. Esse resultado demonstra uma contraposição, pois, ao mesmo tempo em que os docentes enxergam que a educação sexual é relevante, não os buscam conduzi-la de forma mais eficiente aos estudantes.

Segundo Maia e Ribeiro (2011), a importância da educação sexual escolar gira em torno do fato de que essa deve ser um processo deliberado, planejado e organizado, projetado para fornecer aos alunos uma formação envolvendo conhecimento, reflexão e questionamento; mudanças de atitudes, conceitos e valores; geração e desenvolvimento de cidadãos ativos; instrumentalização para o combate à homofobia e à discriminação de gênero.

Não obstante, mesmo a temática da educação sexual não sendo amplamente trabalhada no ensino remoto, como citada anteriormente, os professores afirmaram ter percebido interesse dos alunos pelo tema, o que se deu por meio de perguntas e sugestões de assuntos que podem ser trabalhados nas aulas (figura 2).

Figura 2 – Interesse dos alunos pelos temas de educação sexual



Fonte: as autoras (2022)

Diversas outras pesquisas têm demonstrado que o ensino da educação sexual é facilitado pelo interesse e curiosidade que a maioria dos alunos possui pelo tema, visto que muitas vezes esse é o único momento em que podem conversar com adultos sobre o assunto, já que uma parcela significativa não possui um diálogo aberto com os pais ou responsáveis sobre a sexualidade.

Ao serem questionados se já haviam ministrado algum conteúdo de educação sexual ou relacionado a gênero durante sua aula, independente da disciplina que ensinam ou se já foram procurados por algum aluno em particular para esclarecer alguma dúvida sobre sexualidade, grande parte dos professores respondeu que sim. Isso acontece porque os alunos se sentem mais seguros em compartilhar essas informações com os professores. Os docentes declararam também que os estudantes levam para a aula curiosidades sobre temas relacionados à sexualidade tratados em filmes e séries.

Essas curiosidades podem ser relacionadas a filmes e séries lançados atualmente. Em 2019, foi lançado pela Netflix a série "Sex Education", que em sua primeira temporada teve um sucesso significativo e, em 2020, tornou-se a produção mais assistida pela plataforma. A série aborda questões relacionadas à sexualidade e às inseguranças comuns da juventude de uma forma bem-humorada e descontraída. Dessa forma, essa pode ser uma tentativa de discutir educação sexual com os estudantes (LOPES, 2021). No entanto, é preciso que os professores tenham cautela, pois, por se tratar de ficção, essa diverge às experiências vivenciadas no contexto real.

No Brasil, a educação sexual nas redes escolares não possui uma disciplina própria, e seu ensino não possui apoio do atual governo. Nesse sentido, existem projetos de lei que têm como propósito banir o assunto em escolas, como o movimento "Escola Sem Partido", que argumenta que questões como sexualidade e educação moral devem ser tratadas apenas em casa e da maneira que os pais acreditarem ser melhor (MORAES, 2019). Isso tem se mostrado como um dos maiores empecilhos para o ensino da educação sexual, já que grande parte das famílias não conversa sobre assuntos relacionados à sexualidade com os filhos,

principalmente quando se trata de mulheres.

Quando os participantes da pesquisa foram questionados se sentem que estão preparados ou demonstram algum desconforto em discutir a educação sexual, a maioria respondeu que não e outros afirmaram ter que estudar mais para se sentirem confiantes. Como ressalta Sousa-Neto et al. (2012), a educação sexual é fundamental no ambiente escolar, porém, trabalhar com essa temática não tem sido uma tarefa fácil, pois alguns fatores podem ser considerados como: a ausência de profissionais preparados, os tabus relacionados à temática e o embate político e ideológico.

Quando questionados se durante suas aulas de educação sexual, questões sobre gênero são abordadas, a maioria dos professores respondeu que não, e que a orientação feita pela instituição é 'evitar comentários sobre o assunto'. Segundo Altmann (2009), os jovens têm dificuldades no acesso à informação porque a contracepção e a sexualidade tratam de assuntos que são rodeados por tabus nas suas famílias e demais grupos sociais. Cardoso, Feldens e Lucini (2020, p. 4), discutem que:

Esse é o caso inegável da sexualidade, a qual, apesar de ser inerente a todas as pessoas, se configura como um tema polêmico, principalmente, quando aliado à questão do gênero, envolvendo preconceitos e desinformação relativa à diferença. Isso levanta desafios no campo da educação que, atravessado por demandas políticas, deve promover a inclusão, que se complica sobremaneira diante de um menino que deseja vestir-se de menina, ou da menina que demonstra preferência afetiva por outras meninas.

A maioria dos professores comentou que não recebeu informações sobre educação sexual durante sua juventude. Os que afirmaram ter recebido, tiveram como principal fonte a escola, por meio dos livros e aulas de Ciências e de Biologia, seguido pelos ensinamentos dados pelos pais e embasados em princípios bíblicos. Segundo Furlani (2005), o método de educação religiosa radical é caracterizado pelo apego à interpretação literal da Bíblia, do qual utiliza o discurso religioso como uma "verdade indiscutível" sobre o comportamento sexual "normal", que regula a vida sexual de seus adeptos, bem como prega a castidade até o casamento para jovens e casais.

Os participantes da pesquisa também acreditam que os ensinamentos que tiveram em educação sexual não influenciam no trabalho enquanto professores. Apesar de se tratar de gerações diferentes, a maioria dos professores também não recebeu a educação sexual por parte dos pais. Nessa perspectiva, a família não aborda questões de sexualidade com seus filhos e os pais são apontados como um dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento da educação sexual na escola (BARBOSA; FOLMER, 2019).

Considerações finais

Durante o período do ensino remoto os processos educacionais foram prejudicados pelo distanciamento físico das salas de aula. Com isso diversos impasses que permeiam a educação foram acentuados. No âmbito da educação sexual não foi diferente, já que mesmo antes da implementação do ensino remoto essa temática já vinha sofrendo censura. Com isso, os assuntos que antes já não vinham sendo considerados como relevantes por muitos professores perderam ainda mais espaço durante a Covid-19.

Nessa pesquisa foi possível evidenciar por meio do relato de professores de diferentes disciplinas trabalhadas na educação básica aspectos relacionados à educação sexual no período do ensino remoto. Um ponto que merece ser destacado foi a constatação de que a educação sexual não foi trabalhada de forma satisfatória durante esse período, o que causa abordagens superficiais. Mas apesar desse fato, os professores afirmaram que os alunos os questionam, mostrando interesse pelo tema.

Diante disso, evidenciou-se que a educação sexual ainda é permeada de preconceitos, principalmente quando se trata a temática sobre gênero, característica essa já antes observada no ensino presencial e que acabou sendo ressaltada com o ensino remoto. Logo com os prejuízos causados, as temáticas relacionadas à sexualidade foram praticamente esquecidas, mesmos os alunos mostrando interesse pelo tema. Nesse contexto, é necessário que os professores tomem consciência da abordagem da educação sexual não como forma biológica, mas como forma de promover o cuidado, além do desenvolvimento de métodos que permitam o ensino e aprendizagem de seus alunos mesmo sem situações atípicas.

Agradecimentos

A orientadora Renata Fernandes de Matos pelas considerações.

Referências

ALTMANN, H. Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 136, p. 175-200, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KXthwVJ3PzMtmSpycSxbPyQ/?lang=pt>. Acesso: 29 jun. 2021.

BARBOSA, L. U.; FOLMER, V. Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação básica. *Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco*, v. 9, n. 19, p. 221-243, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/515>. Acesso em: 26 jun. 2021.

BARBOSA, L. U.; VIÇOSA, C. S. C. L.; FOLMER, V. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 11, n. 10, p. 1-10, jul. 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/772>. Acesso em: 28 jun. 2021.

BIERNATH, A. *Um ano de coronavírus no Brasil: os bastidores da descoberta do primeiro caso oficial*. BBC News Brasil. São Paulo, p. 1-3. 25 fev. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56189539>. Acesso em: 28 jun. 2021.

CARDOSO, H. M. Gênero, sexualidade e escola: contribuições da teorização de Foucault. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, São Cristóvão, Sergipe, v. 11, n. 1, p. 319-332, dez. 2018. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/170d/7785eaa58c72522e1662034b7300e2c8aaf1.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

CARDOSO, M. H. M.; FELDENS, D. G.; LUCINI, M. Juventude LGBTQI+ e a educação: do governo das crianças em Herbart às políticas inclusivas. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 58, n. 55, p. 1-20, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/18932/12483>. Acesso em: 04 jul. 2021.

FERREIRA, L. S.; SILVA, M. G. B. *Abordagem na educação sexual de adolescentes em ambiente escolar: relato de experiência*. *Revista Textura*, v. 14, n. 1, 2020. Disponível em: <https://textura.famam.com.br/textura/article/view/343/307>. Acesso em: 02 jul. 2021.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G.. Da Fala do Outro ao Texto Negociado: Discussões sobre a Entrevista na Pesquisa Qualitativa. *Revista Paidéia*, v. 14, n. 28, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/MmkPXF5fCnqVP9MX75q6Rrd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 28 jun. 2021.

FURLANI, J. *O bicho vai pegar! Um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis*. 272 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13259/000491228.pdf?sequence=>. Acesso em: 30 jun. 2021.

GAVA, T.; VILLELA, W. V. Educação em sexualidade: desafios políticos e práticos na escola. *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, n. 24, p. 157-171, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/B48F6W667b4w6tQZhHHy3Yn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1987.

HENKEL, K. A categorização e a validação das respostas abertas em surveys políticos. *Opinião Pública*, Campinas, v. 23, n. 3, p. 786-808, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/qZVQ5TxYYdLffqSK9GrCTng/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 mai. 2022.

LOPES, J. F. *Educação Sexual nas Escolas*. 2021. Disponível em: <http://www.hottopos.com/rih51/91-104TCC4Julia.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2021.

LOURO, G. L. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. *Doxa*, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MARTIN, S. A. F. *Educação Sexual na Escola: concepções e práticas de professores*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/92237?locale-attribute=en>. Acesso em: 03 jul. 2021.

MARTINS, V.; ALMEIDA, J. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes. *Revista Docência e Cibercultura*, v. 4, n. 2, p. 215-224, ago. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026>. Acesso em: 28 jun. 2021.

MORAES, I. Educação Sexual: o que é e como funciona em outros países? *Politize*. Publicado em: 14 mar. 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/educacao-sexual-o-que-e-e-como-funciona-em-outros-paises/>. Acesso em: 04 jul. 2021.

NICOLAV, V. Desafios do EaD: como as escolas estaduais estão funcionando durante quarentena. *Brasil de Fato*, São Paulo, 19 de Abril de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/19/desafios-da-ead-como-as-escolas-estaduais-estao-funcionando-durante-quarentena>. Acesso em 26 jun. 2021.

OLIVEIRA, F. D. S. Corpo, sexualidade e juventude: provocações de uma ética foucaultiana para centros socioeducativos. In: MORI, Geraldo Luiz de; LADEIRA, Rodrigo. *Destaques na Iniciação Científica: trabalhos mais representativos entre 2015 e 2017*. Annales Faje, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 90-100, 2020.

RIBEIRO, M.; REIS, W. Educação sexual: o trabalho com crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 18, n. 2, 2007. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/389. Acesso em: 29 jun. 2021.

SILVA, C. L. et al. A percepção de professores da educação básica sobre o ensino remoto durante a pandemia de Covid-19. In: ENCONTRO NACIONAL MOVIMENTOS DOCENTES, 1., 2020, Diadema. Anais [...]. Diadema: V & V Editora, 2020, p. 318-326.

SOUSA-NETO, A. et al. Programa de educação pelo trabalho para a saúde nas escolas: oficina sobre sexualidade. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 36, p. 86-91, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 jun. 2021.

SOUZA, E. J. *Educação sexual "além do biológico": problematização dos discursos acerca de sexualidade e gênero no currículo de licenciatura em biologia*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/181806>. Acesso em: 04 jul. 2021.

VAL, A. C. et al. "Nunca Me Falaram sobre Isso!": o Ensino das Sexualidades na Perspectiva de Estudantes de uma Escola Federal de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 43, p. 108-118, 2020. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/MwQrjCr4FGGr86FjxTKwTnwn/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 29 jun. 2021.

VIANA, M. A. C. R.; TUMA, K. S. R. A educação sexual na escola e as causas que interferem o seu desenvolvimento. *Revista de Investigación En Ciencias Sociales y Humanidades, S.I.*, v. 3, n. 2, p. 1-15, 10 dez. 2016. Disponível em: <https://revistacientifica.uamericana.edu.py/index.php/academo/article/view/47>. Acesso em: 30 jun. 2021.

VITIELLO, N. A educação sexual necessária. *Revista brasileira de sexualidade humana*, v. 6, n. 1, 1995.

ZOCCA, A. R. et al. Percepções de adolescentes sobre sexualidade e educação sexual. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 10, n. 2, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6202614>. Acesso em: 26 jun. 2021.

Recebido em: 19/04/2022

Aprovado em: 07/06/2022